

**Vínculo mãe e filho e o desenvolvimento infantil: uma análise do filme  
“Precisamos falar sobre Kevin”**

Beatriz de Souza Ramos<sup>1</sup>, Marina de Almeida Dias Mello Ulguim<sup>2</sup>, Rosiane  
Kiviatcoski Kozlowski<sup>3</sup> e Thaynara de Moraes Xavier<sup>4</sup>

<sup>1-4</sup>Graduandas de Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de  
Santa Catarina

**Nota sobre as Autoras**

Este artigo foi produzido para uma disciplina da Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. As autoras desse artigo se encontram em processo de formação superior. Correspondências relacionadas a esse artigo devem ser encaminhadas para Rosiane Kiviatcoski Kozlowski, por meio do endereço de e-mail [rosiane.kkozlowski@gmail.com](mailto:rosiane.kkozlowski@gmail.com).

**Resumo**

O artigo busca compreender como acontece a construção do apego e vínculo entre mãe e filho e seus aspectos positivos e negativos, bem como levantar hipóteses dos aspectos que podem impedir a formação de laços. Além disso, procurou-se elencar as possíveis consequências para o desenvolvimento psicológico infantil quando esse vínculo não se estabelece de forma saudável. Para tal finalidade, analisou-se o comportamento dos personagens Kevin e Eva do filme *Precisamos falar sobre Kevin*, observando-os e descrevendo-os e posteriormente interpretando os fatos com base na fundamentação teórica do apego, vínculo e da problemática das formas de violência intrafamiliar como um fator limitante da formação de vínculos saudáveis. Como resultado das análises comportamentais das cenas do filme, deduz-se que devido ao fato recorrentemente de a mãe cometer violência,

seja física, psicológica, verbal e/ou negligência da mãe com o filho, foi um entrave para estabelecer relações de apego seguro e também a formação de um vínculo afetivo saudável.

*Palavras-chaves:* Apego, Teoria do Apego, violência intrafamiliar, vínculo afetivo.

### **Introdução**

A relação mãe e filho é de extrema importância para a criança e para a mãe e é inegável que esta, por sua vez, influencia na saúde psicológica e até mesmo física do filho. O trabalho busca entender como os sentimentos, ações e pensamentos negativos da mãe, acerca da gravidez, impactam a relação afetiva desde a gestação e a forma como podem perdurar por todas as fases de desenvolvimento, podendo repercutir por demais fases da vida (Milbradt, 2008; Mozzaquatro et al., 2015).

Segundo Gutierrez et al. (2011), o vínculo entre mãe e filho se forma desde a gravidez, principalmente, pelos sentimentos da mulher em relação à gestação, que podem ser positivos ou não. A mãe que sente rejeição ou outros sentimentos negativos, o que pode ocorrer em caso de gravidez indesejada, acaba criando um vínculo com o filho que poderá se transformar em algo traumático para ambos no decorrer do desenvolvimento. Porém, quando a mãe experiencia a maternidade como um momento feliz, com sentimentos positivos, o vínculo tende a ser mais forte e positivo.

A relação e interação inicial da criança com os pais e/ou cuidadores é a base para a formação de sua consciência. A criança internaliza seus pais nos primeiros anos de vida, de modo que, eles se tornam parte de seu ego, mais especificamente seu superego, que por sua vez, impõe ao resto do ego exigências, reprimindo os instintos pulsionais da criança. Este é um fator importante tanto na doença mental quanto no desenvolvimento da personalidade normal da mesma (Klein, 1996).

Em relação às tentativas de estabelecer vínculos e conexão com os outros seres humanos, em especial a mãe ou cuidador principal, é um componente que surge já no recém-nascido, em que a criança apresenta comportamentos inatos na busca de atenção e conexão com os adultos, como o choro e o sorriso. A partir dessas trocas, inicia-se o desenvolvimento de vínculos afetivos e do apego, os quais são definidos, respectivamente, como: o estabelecimento e manutenção de uma relação por um período de tempo prolongado em que o parceiro é insubstituível e com o qual se almeja manter proximidade física e emocional; já o apego é subjacente aos vínculos afetivos, pois consiste em um sentimento/emoção de conforto e segurança quando se está na presença de um adulto em específico (Bee & Boyd, 2011).

Uma das primeiras manifestações comportamentais que o bebê realiza a fim de estabelecer uma relação com o outro é por meio do choro e do riso que são universalmente reconhecidos e atendidos pelos adultos, que de modo quase inato estabelecem uma interação sincrônica com o bebê. Contudo, para a construção de um vínculo real é necessário que tal ritual de apego seja assíduo e duradouro. Percebe-se que as interações de mães e pais com os filhos diferem qualitativamente, geralmente o pai está mais presente nas brincadeiras e interações lúdicas, enquanto a mãe relaciona-se mais por meio de atividades de cuidado e limpeza. Essa condição comumente se justifica devido aos padrões culturais de cuidados essenciais serem, principalmente, delegados à mãe (Bee & Boyd, 2011).

Portanto, o apego se manifesta em forma de comportamentos que visam a aproximação ou a manutenção da presença do adulto, pois essa proximidade traz um sentimento de segurança e liberdade para que a criança explore o ambiente a sua volta e se relacione com outras pessoas, já que se baseia na fisionomia e reações do pai ou mãe para continuar a descoberta de lugares, objetos e interagir com outras pessoas. Evidentemente, o

apoio e o apego não são tão primordiais aos adultos assim como são para as crianças (Bee & Boyd, 2011).

O apego é um sentimento/emoção interno, mas que se manifesta e pode ser observado empiricamente por meio de inúmeros tipos de comportamentos, como o estabelecimento de contato visual, querer e estar no mesmo ambiente, o sorriso, o choro, o toque, o abraço, o beijar, as brincadeiras, acolher e fazer carinhos. Essas demonstrações acontecem principalmente com crianças menores, já que possuem maior dependência com seus pais e/ou cuidadores, uma vez que tais comportamentos de apego aparecem comumente quando se necessita ou quer algum tipo de amparo ou apoio emocional, por estar triste, com medo, estressada ou insegura. Pontua-se, ademais, que a qualidade dos comportamentos de apego não se relaciona com a quantidade de vezes em que aparecem e sim, com a qualidade da relação estabelecida entre o par (Bee & Boyd, 2011).

Segundo Bowlby (1969), por volta do fim do primeiro ano de vida a criança estabelece vínculos de apego e começa a construir um modelo funcional interno, em que ela cria expectativas e projeções do que esperar das futuras interações com aquela pessoa (mãe, pai ou cuidador) e se tal indivíduo é uma base confiável ou não. Esse padrão formado com os cuidadores principais será fundamental, pois constituirá o parâmetro para relacionar-se com outras pessoas, ou seja, a criança vai reproduzir com amigos, professores e outros familiares os padrões de apego e interação que recebe dos cuidadores principais e que presencia na relação dos pais (Bee & Boyd, 2011).

Ao compreender as emoções de outras pessoas, é preciso desenvolver a habilidade de estar atento ao ambiente e seus contextos, interpretar diversos sinais corporais e expressões faciais de outro sujeito. É preciso compreender que as pessoas podem exibir diversas emoções ao mesmo tempo. Durante a infância é possível iniciar o processo de desenvolvimento do que denominamos empatia, como a habilidade de interpretar o que o

outro sente, e até mesmo experienciar em si, uma emoção muito semelhante ao que outra pessoa sente no momento. De maneira geral a empatia parece ser a resposta mais precoce do desenvolvimento; entre crianças mais velhas e adultos, a simpatia frequentemente parece nascer de uma resposta empática inicial (Eisenberg et al., 2007).

A qualidade desse apego e vínculo estabelecido pode ser impactado por diversas variantes, dentre elas a disponibilidade emocional dos pais com as necessidades invocadas pelos filhos, ou seja, corresponder sincronicamente às demandas do filho, quando ele sorri ou chora, acolhendo-o empaticamente. Tal padrão foi corroborado por pesquisas que tornaram as mães mais responsivas aos sinais do filho (Bee & Boyd, 2011).

Importante ressaltar que, para estabelecer o apego e o vínculo afetivo, o temperamento da criança influencia o engajamento paterno, uma vez que crianças difíceis recusam fortemente às tentativas de interação e até mesmo de consolo e acolhimento quando em situações estressantes. Outro tipo de temperamento é o de aquecimento lento que demora para corresponder ou é indiferente às investidas de interação com os pais. Assim sendo, tais crianças exigem mais esforços e tempo para formar vínculos do que crianças fáceis, isso, por sua vez, pode afastar os cuidadores (Bee & Boyd, 2011).

Finalmente, os desenvolvimentistas têm alguma evidência preliminar de que variáveis temperamentais estão associadas a empatia, especialmente em crianças que têm um alto controle esforçado, uma alta capacidade de regular as emoções, a fim de alcançar objetivos também são altas em empatia (Valiente et al., 2004). Seja qual for sua fonte, a empatia parece ser fundamental para controlar impulsos agressivos, uma vez que crianças com alta empatia tendem a ter baixa agressividade (Strayer & Roberts, 2004).

Evidentemente que a relação cuidador-criança é mais complexa e não dependerá apenas de um fator temperamental, pois crianças difíceis em um ambiente acolhedor constroem laços mais fortes do que uma criança fácil em um ambiente hostil e despreparado.

Esse padrão de apego, quando formado, tem uma tendência de perdurar por longos períodos, seja inseguro ou seguro. Ademais, pondera-se que as consequências dos apegos podem vir a perdurar por várias fases da vida (Bee & Boyd, 2011).

Como foi supracitado, o vínculo mãe-filho é primordial para o desenvolvimento psicossocial da criança, de modo que, quando a relação não é construída de uma forma saudável, pode ser mais um fator para desencadear doenças mentais e psicossomáticas em sua vida. O conceito de psicossomática, é entendido por Baseggio (2012), como o surgimento de transtornos de somatização, através de sintomas físicos que “são sugestivos de uma doença orgânica, mas que não apresentam os aspectos desta” (p.631). Tais sintomas se iniciam devido a fatores emocionais e acabam ocasionando demasiado sofrimento e prejuízo na vida e desenvolvimento social da criança. (Baseggio, 2012).

Outro fator que influencia a relação mãe-filho e o desenvolvimento biopsicossocial da criança é a violência intrafamiliar. Esse tema é muito delicado e possui uma série de repercussões, pois não é apenas a pessoa agredida que sofre as consequências, mas também todos os membros da família que convivem com essa situação. Segundo Chauí (1985), a violência é a ação que trata não como sujeito e sim como objeto, as sequelas dessa violência se manifestam de diferentes maneiras, desde problemas em relacionamentos futuros e transtornos de comportamento como também psicopatologias.

A violência possui várias facetas, porém ela pode ser dividida entre quatro principais: física, quando um indivíduo atinge outra pessoa através da força física de forma intencional, sexual, que segundo a OMS é todo ato, tentativa ou insinuações sexuais indesejadas, psicológica, que é qualquer conduta que cause dano emocional ou prejudique e perturbe o desenvolvimento pleno do indivíduo e a negligência, que é a omissão por parte dos responsáveis na oferta de tarefas que promovam o desenvolvimento da criança. De acordo com os autores Maldonado & Williams (2005) a violência pode ser resumida como “ações e,

ou omissões que podem cessar, impedir, deter ou retardar o desenvolvimento pleno dos seres humanos”.

O amadurecimento e desenvolvimento da criança é influenciado diretamente pela família; há três funções principais as quais são mais afetadas pelo ambiente e contexto no qual o indivíduo está inserido: funções biológicas, psicológicas e sociais (Osório, 1996). A função biológica da família é garantir a sobrevivência e fornecer os cuidados necessários para que a criança possa se desenvolver adequadamente. A função psicológica possui três questões centrais que devem ser promovidas pela família: proporcionar afeto ao recém-nascido, para garantir a sobrevivência emocional da criança; servir de suporte e continência para as ansiedades existenciais da criança durante seu desenvolvimento, auxiliando-as na superação das crises vitais; criar um ambiente adequado que permita a aprendizagem empírica que sustenta o processo de desenvolvimento cognitivo da criança. A função social da família é garantir a transmissão de cultura da sociedade na qual a criança está inserida, além de prepará-la para exercer sua cidadania (Osório, 1996).

A família corresponde a um lugar de afeto e de relacionamentos íntimos que possibilita a manifestação de sentimentos e emoções, além de ser um lugar que irá ajudar a criança a formar sua identidade e subjetividade (Romanelli, 1997). Crianças que vivem em um ambiente familiar violento podem passar a reproduzir essa violência em outras áreas de sua vida, seja na condição de criança, quanto na de jovem ou adulto, além de gerar consequências emocionais, físicas, psíquicas e afetivas que perdurarão por toda a vida (Araújo, 2002).

Depreende-se que a inter-relação mãe-filho afeta ambos, pois desde o terceiro mês de idade o bebê já sabe diferenciar a mãe (ou cuidador principal) das demais pessoas, e faz tentativas de vinculação e relação com a mãe e caso exista correspondência ou não isso afetará a formação da personalidade da criança (Milbradt, 2008; Mozzaquatro et al., 2015). É

importante ressaltar também que, o ambiente no qual a criança está inserida e determinados comportamentos da mãe ou cuidador podem ser prejudiciais para o desenvolvimento do psiquismo do filho, tendo em vista que a infância é a base da somatização de qualquer fase posterior da vida (Prazeres, 2006).

Segundo Bee e Boyd (2011), o desenvolvimento do entendimento do que são emoções vai ocorrendo com o amadurecimento da criança e aquisição da linguagem, e a empatia para compreender as emoções alheias também se desenvolve a partir disso. Entretanto somente na adolescência as pessoas conseguem interpretar com clareza quando outras pessoas procuram ocultar sentimentos, ou agir de forma diferente de como realmente se sentem em determinado momento, por exemplo, quando uma pessoa sorri, mas se sente triste.

Pesquisas revelam que jovens que são mais violentos têm habilidades pobres de raciocínio social e um entendimento deficiente das emoções dos outros (Gleason, Jensen-Campbell & Richardson, 2004). Embora programas visando melhorar essas habilidades em adolescentes tenham alcançado sucesso limitado (Armstrong, 2003), a pesquisa indica que tratar esses déficits em crianças mais jovens pode ajudar a prevenir a violência nos anos da adolescência (DeRosier & Marcus, 2005).

O filme abordado para analisar comportamentos acerca desse convívio disfuncional será o “Precisamos falar sobre Kevin”, o qual retrata essa questão de um vínculo disfuncional entre mãe e filho desde a concepção, uma vez que fica evidente o quanto a maternidade era totalmente indesejada. Buscamos a partir das análises comportamentais e de fundamentação na literatura compreender o quanto e como atitudes violentas, negligência, comunicação violenta e falta de afetos positivos entre mãe e filho vão impactar e até mesmo constituir mais um fator de risco para o desenvolvimento de distúrbios/traumas psicológicos ou até mesmo psicopatologias. Desse modo, entender o como uma relação disfuncional pode ser maléfica para ambas as partes, em específico o filho.



Em suma, tem-se como objetivo geral compreender as implicações do apego positivo e da violência intrafamiliar no vínculo mãe e filho por meio da análise da produção cinematográfica *Precisamos falar sobre Kevin*. Para isso, tem-se como objetivos específicos caracterizar os tipos de apego entre o cuidador com a criança e descrever como a violência intrafamiliar interfere no apego e vínculo entre cuidador e a criança.

## **Método**

### **Descrição do material utilizado para análise**

O filme abordado para analisar comportamentos acerca do convívio disfuncional será o “*Precisamos falar sobre Kevin*”, o qual retrata essa questão de um vínculo disfuncional entre mãe e filho desde a concepção, uma vez que fica evidente o quanto a maternidade era totalmente indesejada. O filme é baseado no livro de mesmo nome escrito por Lionel Shriver. A obra cinematográfica foi dirigida por Lynne Ramsay e lançada em 21 de outubro de 2011, no Reino Unido.

### **Participantes**

Os participantes analisados são Kevin e Eva. Ambos passam por poucas mudanças na aparência mesmo com o passar dos anos, já que a história da família é mostrada desde o nascimento até a adolescência do menino.

*Kevin*: é um menino branco, com olhos pretos, cabelos lisos, pretos e possui uma franja acima dos olhos, que mantém até a adolescência. Possui uma personalidade forte e não consegue estabelecer um contato amoroso com a sua mãe, Eva, com quem conflitua em diversos momentos.

*Eva*: é uma mulher branca, de cabelos lisos, pretos e curtos, tem olhos pretos, é magra e aparentemente alta. Em sua primeira gravidez, que ocorre de forma não planejada, a

personagem apresenta aproximadamente 25 anos, dando à luz a Kevin. Então, ela deixa sua vida profissional bem-sucedida em segundo plano e tenta priorizar a vida familiar. Mas, encontra muitas dificuldades para educar e criar laços afetivos com seu filho.

### **Procedimentos**

Buscou-se para a construção da análise do filme, a partir da fundamentação na literatura, compreender como atitudes e comunicação violentas, a falta de afetos positivos entre mãe e filho podem impactar a formação de vínculo entre mãe-filho e o desenvolvimento infantil. Assim, foram criadas duas categorias de comportamento: violência intrafamiliar e apego positivo. Para isso, observamos alguns fragmentos da obra, especificamente as cenas dos minutos 26:24, 38:43, 42:50, 55:36 e 56:00, de acordo com as categorias de comportamento previamente definidas.

### **Categorias de comportamento**

#### **Violência intrafamiliar**

A violência intrafamiliar ocorre quando a mãe/cuidador ou criança age de modo intencional, prejudicando o bem-estar, a integridade física e psicológica e o desenvolvimento pleno do outro. Esta conduta pode se manifestar através de diversos comportamentos violentos, como o controle, a agressão física ou verbal e até mesmo por meio de deboches, sarcasmos, silêncios e piadas, o chamado comportamento passivo-agressivo. Tais ações tornam o contexto familiar desfavorável para o desenvolvimento positivo e saudável da criança, pois ela passa a se sentir desprotegida em um ambiente que deveria acolhê-la; como consequência ela pode vir a se sentir desvalorizada, ansiosa e passar a adoecer com maior facilidade, além de deixar marcas que podem perdurar durante toda a vida.

#### **Apego positivo do cuidador com a criança**

O apego positivo se conceitua como uma forma saudável de sentimentos da criança, os quais vão se expressar por meio de comportamentos que indicam a tendência de buscar e manter proximidade com o cuidador, por exemplo, por meio de olhares, sorrisos e diversas formas de carinhos. Além disso, o apego seguro manifesta-se também em situações estranhas ou estressantes, como quando a criança é deixada com um estranho, evidenciando que quando há um vínculo de apego seguro a criança apresenta algum grau de desconforto percebido pelo choro, esquiva, mas que em pouco tempo se consola e quando ocorre o retorno do cuidador a expressão da criança é nitidamente de relaxamento muscular, manifestações de alegria, com sorrisos, olhar e tentativas de proximidade e contato físico.

## **Resultados e Discussão**

Nesta seção do artigo iremos apresentar a descrição das cenas de acordo com as categorias de comportamento anteriormente definidas e em seguida, analisaremos o conteúdo de acordo com as referências da literatura.

### **Descrição das cenas**

#### **Categoria 1 - Violência intrafamiliar**

##### **Cena 1 - (26:24 min)**

*Kevin e Eva estão na sala de casa, ambos sentados no chão com as pernas afastadas, um de frente para o outro. Ao fundo, há uma mesa e cadeiras sobre um tapete. Também, pode-se observar um sofá, uma parede com imagens esculpidas em madeira, ao lado um móvel que serve de apoio a uma luminária e outro para álbuns. A cena começa com Kevin olhando fixamente para sua mãe, enquanto esta fala repetidamente a palavra mamãe, para que ele possa repeti-la. Ela segura uma bola vermelha com as duas mãos, pergunta se ele consegue dizer a palavra bola e repete os sons de suas sílabas. Olha para o menino com as sobrancelhas arqueadas, o que faz sua testa ficar franzida, e o orienta a jogar a bola de volta para ela. Ele fica estático e olhando para a mãe fixamente, enquanto a bola vai perdendo movimento depois de lançada. Eva repete (insiste) a orientação, lança a bola, em seguida faz um gesto com as duas mãos no ar como se estivesse empurrando algo. Então, ela vai em direção a bola que está parada mais a frente e a segura. Depois, volta ao local em*

*que estava sentada inicialmente e repete a orientação. Com as pernas abertas, ela lança a bola, apoia os braços nos joelhos que estão erguidos próximos ao tronco. Por fim, lança novamente a bola, mas Kevin permanece estático, olhando em direção a mãe.*

### **Análise da cena 1 - Violência intrafamiliar**

Nesta cena Eva tenta criar um vínculo positivo com Kevin através da brincadeira, algo que é positivo na relação cuidador-criança. Estudos apontam que práticas simples no cotidiano auxiliam na construção de afetos positivos, e no desenvolvimento integral da criança durante o período da primeira infância.

Eva comete um equívoco ao propor uma brincadeira na qual Kevin (criança) não demonstrava interesse, e em um determinado momento, pega a bola de forma violenta durante a interação com o filho. Em relação a proposta de brincadeiras lúdicas para criação de vínculos, é possível identificar comportamentos que demonstrem que a criança está interessada em determinada brincadeira.

A criança está a olhar ou a apontar para alguma coisa? Está a fazer um som ou uma expressão facial? Movendo os pequenos braços e pernas? Isso é uma ação. A chave é prestar atenção àquilo em que a criança está focada. Não pode passar todo o seu tempo a fazer isto, por isso procure pequenas oportunidades ao longo do dia enquanto as veste ou à espera na fila da loja. Porquê? Ao reparar nas ações, aprenderá muito sobre as capacidades, interesses e necessidades das crianças. Vai encorajá-los a explorar e fortalecer a ligação entre vocês. (Center on the Developing Child - Harvard University, 2019, p.1, tradução nossa).<sup>1</sup>

Em seguida, Eva ao identificar um tópico que Kevin demonstre interesse, poderia o incentivar a estimular determinada ação. Porquê? De acordo com o Centro de Desenvolvimento Infantil

Apoiar e encorajar nutre os interesses e curiosidade de uma criança. Não ter um retorno pode ser realmente estressante para uma criança. Quando se devolve uma reação, as crianças sabem que seus pensamentos e sentimentos são ouvidos e

---

<sup>1</sup> Is the child looking or pointing at something? Making a sound or facial expression? Moving those little arms and legs? That's a serve. The key is to pay attention to what the child is focused on. You can't spend all your time doing this, so look for small opportunities throughout the day — You'll encourage them to explore and you'll strengthen the bond between you.

compreendidos (Center on the Developing Child - Harvard University, 2019, p.1, tradução nossa).<sup>2</sup>

### **Cena 2 - (42:50 min)**

*Eva está tentando ensinar os números para Kevin e pergunta qual seria o próximo número de uma determinada sequência; o garoto começa a dizer números aleatórios que não condizem com a sequência, porém, logo após, ele começa uma contagem do número 1 até o número 50 e quando termina pergunta à mãe se podem parar com isso. Eva então escreve uma soma no papel e diz para o filho “Você pode resolver isso, já que se acha tão inteligente”, Kevin pega o papel, amassa, joga fora e olha para a mãe de uma forma debochada; Eva dá um suspiro profundo e percebe que o menino fez cocô na fralda, ela então começa a repetir diversas vezes “Você não fez” e Kevin começa a rir. A mãe joga no chão o caderno que estava em suas mãos, começa a bufar e se levanta para conferir; ela o segura bruscamente e após ver que ele tinha mesmo feito cocô na fralda, ela dá um grito. Eva troca a fralda de Kevin e quando termina pergunta ao menino “Está se divertindo?” e o coloca no chão; o garoto sai andando, para e novamente faz cocô na fralda, ele olha para a mãe com um olhar fixo, como se estivesse a desafiando; Eva contrai os lábios e seus olhos fitam Kevin, ela dá passos bruscos em direção a ele e o segura de maneira violenta, então ela caminha em direção ao trocador de fraldas e o joga em cima dele; o filho cai no chão e machuca o braço, a mãe logo em seguida esboça um olhar de culpa, seus olhos se arregalam, sua boca se abre e suas sobrancelhas se arquearam levemente.*

### **Análise da cena 2 - Violência intrafamiliar**

A violência intrafamiliar pode se manifestar de diversas maneiras, como física, psicológica, sexual ou negligência. Na cena em questão, primeiramente, Eva se irrita com Kevin por ele desdenhar dela e perguntar se podem parar a atividade que estavam fazendo, os comportamentos e reações observados a partir disso podem ser compreendidos como uma forma de violência psicológica.

De acordo com Abranches e Assis (2011) a criança que é exposta a violência psicológica pode desenvolver sérios problemas cognitivos, emocionais e até mesmo físicos, que podem perdurar por toda a vida. A criança pode vir a manifestar sintomas como tristeza, depressão, dificuldades no desenvolvimento de habilidades e potencialidades.

---

<sup>2</sup> Supporting and encouraging rewards a child’s interests and curiosity. Never getting a return can actually be stressful for a child. When you return a serve, children know that their thoughts and feelings are heard and understood.

Além disso, a violência psicológica pode ser percebida através de diversos comportamentos e ações, como: ameaças, constrangimentos, ridicularização, humilhações, insultos, manipulação, dentre outros (Brasil, 2006). Essa conduta é constatada quando Eva ridiculariza Kevin dizendo “*Você pode resolver isso, já que se acha tão inteligente*”, ela se irrita, pois o garoto não quer continuar dizendo os números e ao invés de lidar com a situação ela o trata de uma maneira grosseira.

Outra forma de violência que pode ser verificada é a violência física quando Eva segura Kevin de uma forma brusca e o joga no trocador, porém ele cai no chão e quebra o braço. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), a violência física se constitui em atos violentos que fazem uso da força física de maneira não-acidental com o objetivo de ferir, lesar, provocar dor e sofrimento ou destruir a pessoa, deixando ou não, marcas evidentes em seu corpo. Ademais, ela pode se manifestar de inúmeras formas, como tapas, beliscões, chutes, torções, arremessos, estrangulamentos e dentre outros.

As consequências da violência física podem ser imediatas, de médio e longo prazo. As imediatas são mais fáceis de identificar, pois tendem a deixar marcas visíveis, principalmente na pele ou no sistema ósteo-articular (Hasselmann et al., 1999). Além do mais, a violência pode acarretar em problemas como ansiedade, transtornos depressivos, baixo desempenho na escola e nas tarefas de casa, comportamentos agressivos e violentos e até mesmo tentativas de suicídio (Ministério da Saúde, 2009).

Por fim, a violência é um fenômeno complexo não sendo possível compreendê-lo a partir de uma visão unilinear de causa e efeito, mas sim, resultante de um contexto e de uma dinâmica sociocultural e política que, de acordo com relações de poder pré estabelecidas, desdobram o tecido social de forma arraigada e profunda, como se fosse natural a existência de um mais forte dominar um mais fraco, tornando-se necessário enfrentar e superar a naturalização de violência e das relações de dominação. (Rates et al., 2015).

## **Categoria 2 - Apego positivo**

### **Cena 1 (38:43 min)**

*Eva está em seu escritório pendurando uma máscara tribal na parede, ao redor tem diversas imagens de mapas coladas. Kevin está com a cabeça encostada no batente da porta e diz: “esses recortes de papel são uma idiotice”. Ela responde: “todo mundo precisa ter seu espaço, você tem o seu, este é o da mamãe. Se quiser posso ajudar a tornar o seu especial”. Em seguida ele pergunta: “o que quer dizer com especial?”. Eva responde: “ah, bom, fazer com que tenha sua personalidade”. Kevin: “que personalidade?”. Eva: “acho que você me entendeu”. Kevin diz: “que idiotice”. O telefone toca e Eva sai do escritório para atendê-lo. Kevin fica parado no lugar em que estava, movendo os olhos em direção às paredes do cômodo. Quando Eva desliga o telefone e vai ao encontro de Kevin, encontra o menino em cima da mesa do escritório lançando tintas da cor preta e vermelha na parede com uma arma de brinquedo. A mãe caminha em direção a Kevin, tira a arma de suas mãos, jogando-a no chão e pisando em cima do brinquedo diversas vezes, quebrando-o. Kevin permanece em cima da mesa olhando para Eva.*

### **Análise da cena 1 - Apego positivo**

Nessa cena percebe-se que a Eva tenta estabelecer, mesmo diante de alguma resistência ao diálogo e certa agressividade verbal do filho, um apego positivo quando conversa pacientemente e busca explicar sobre a importância de ter um espaço individual que corresponda aos interesses e personalidade de cada pessoa, e se mostra carinhosamente disponível para ajudar o filho a descobrir algo que goste e planejar uma decoração para o quarto. Nota-se, que mesmo com um temperamento difícil do filho, a mãe faz tentativas de apego positivo, dando espaço para o diálogo e para a expressão do filho.

Pontua-se que o vínculo do apego se forma por meio da prontidão de resposta dos cuidadores à demanda do filho, seja essa requisitada por meio de pedidos de demonstração de carinho ou mesmo por meio de comportamentos como choro, birra, briga, notas baixas. Assim sendo, a quantidade, qualidade e disponibilidade afetiva são essenciais para estabelecer um vínculo de apego positivo. Ou seja, até mesmo em uma situação em que se precise resolver conflitos como no caso de uma briga, discordâncias e erros pode ser um

momento de vinculação de apego seguro se manejado da maneira correta a conversa e intervenção com a criança, não sendo efetivas técnicas de adequação de comportamentos (Alvarenga & Piccinini, 2007; Bee & Boyd, 2011).

Essa cena demonstra um temperamento difícil de Kevin que é quando o bebê ou criança apresenta, por motivos biológicos (chorar muito por cólicas), psicológicos (não ser muito comunicativo) ou de personalidade (dar pouca importância aos vínculos sociais), um temperamento mais hostil, dificultando ou afastando os cuidadores de estabelecer um contato e demonstrações de apego. Contudo, mesmo apresentando tais impasses o adulto quando dotado do conhecimento deve moldar o ambiente e a si mesmo a fim de conduzir um vínculo mais saudável possível, ou seja, há certas predisposições mas nada é determinista e em um espaço que promova práticas adequadas de diálogo, interação e intervenções a criança mesmo com temperamento difícil pode desenvolver biológica, psicológica e socialmente de forma plena e sem prejuízo, demandando apenas mais esforço do círculo em que se encontra (Alvarenga & Piccinini, 2007; Bee & Boyd, 2011).

### **Cena 2 (55:36 min)**

*Eva está de joelhos no chão, ao seu lado tem um balde com água; ela passa uma toalha branca no tapete, limpando o vômito de Kevin. O menino está deitado na cama, observa a limpeza que a mãe está fazendo. Então, olha para a mãe e fala: “Desculpe, mamãe”. Ela segura a mão dele e responde: “não se preocupe, querido, você não podia fazer nada”. Ele mantém o olhar nas mãos unidas dos dois.*

### **Análise da cena 2**

A cena em questão mostra um momento de cuidado da mãe com o filho, que ocorre quando o menino adoece. No diálogo entre os dois, percebe-se que Kevin demonstra certa preocupação por estar naquela condição e por ter vomitado, podendo indicar um certo receio com relação a reação que a mãe poderia apresentar.



O receio quanto a reação da mãe pode ter acontecido por uma falta de responsividade, já que, desde o nascimento de Kevin, Eva nem sempre conseguia responder de forma eficaz às necessidades do filho. Destarte, para que ocorra uma responsividade eficaz, os pais devem estar disponíveis emocionalmente para responder aos cuidados que um filho exige, esse é um ponto importante para a formação de um apego seguro (Bee & Boyd, 2011). Então, quando a Eva demonstra carinho e afeto ao falar ou cuidar do Kevin, minimizando a culpa que ele esteja sentindo, a formação de apego seguro acaba sendo mais eficaz, o que pode ser um reflexo do seguinte contato físico entre os dois.

### **Cena 3 (56:00 min)**

*Eva e Kevin estão no quarto, a mãe está sentada em cima da cama lendo um livro para o filho, o mesmo permanece deitado ao seu lado, enquanto olha para o lado oposto, Kevin olha para a mãe, se levanta e senta na cama. Eva pergunta “Você está bem, querido?”, e Kevin se aproxima dela enquanto ela continua lendo o livro. Logo após, o pai chega e pergunta “E aí, campeão, está tudo bem?”, “Está melhor?”, Kevin olha em direção ao pai e responde “Vá embora, estou cansado”. O pai olha para Kevin por alguns segundos, exibindo surpresa, e responde “Ah, tudo bem. Claro, só precisa descansar um pouco, tá”. Kevin olha para a mãe e diz, “Não para de ler mãe.” Eva, olha para Franklin (pai) com os olhos um pouco arregalados e lhe dirige um sorriso, como se também estivesse surpresa pela reação positiva de Kevin, pelo fato da mãe estar contando uma história. Franklin faz um gesto com a cabeça, se retira do quarto e fecha a porta.*

### **Análise da cena 3**

Em tal cena percebe-se a mãe dedicada a ler um livro para o filho dormir, demonstrando empenho na atividade educativa, lúdica e de estabelecer apego positivo, pois por meio da presença, das palavras e da atenção dispensada ao filho ela se mostra efetivamente disponível a acolher o filho, em específico naquela situação que ele se recuperava de uma doença. Em tal ponto, demonstra-se a necessidade de mostrar-se mais presente em momentos em que a criança se mostra vulnerável seja física, psicológica ou socialmente, já que nesses momentos é quando se requer maior atenção para que a criança

saiba que aquele cuidador é uma base segura de apoio para momentos críticos (Alvarenga & Piccinini, 2007; Bee & Boyd, 2011).

Ademais, é essencial pontuar que o tempo que o cuidador passa com a criança não seja dedicado exclusivamente a momentos de higiene, cuidados pessoais e de educação, visto que o tempo que se dedica às brincadeiras, conversas e passeios são também importantes para ambos, cuidador/criança, criarem um momento de apego sem cobranças e responsabilidades. Ou seja, isso atua para que o cuidador não reduza sua relação com a criança a uma obrigação, já que isso pode ocasionar um cansaço, bem como para a criança associar aquele cuidador exclusivamente a cobranças para cumprir as tarefas e metas (Alvarenga & Piccinini, 2007; Bee & Boyd, 2011).

### **Considerações Finais**

Conclui-se que o apego positivo é um vínculo de extrema importância para o desenvolvimento saudável, podendo garantir à criança a exploração do mundo de forma mais segura e proporcionar futuras relações interpessoais fortalecidas, ou seja, é a primeira relação da criança com o mundo e a que fornecerá padrões de comportamentos para ela agir nos demais contextos. Em contrapartida, a violência intrafamiliar tem um efeito contrário ao apego positivo, podendo afetar o desenvolvimento biopsicossocial da criança, criando muitos traumas e conflitos para a relação criança-cuidador, que poderão perdurar por toda a vida da criança.

Conflitos acontecem e são naturais diante da dinâmica das relações, quando direcionados de forma não violenta podem auxiliar a criança a compreender que isto é algo normal e incentivá-la a resolvê-los de forma não violenta também, isto pode ser chamado de tomada de estratégias e enfrentamento saudável, além de ter uma maior elaboração das diferenças quando estiver frequentando outros espaços além do núcleo familiar como escola,

trabalho, faculdade, por exemplo. Sendo assim, abre uma possibilidade para incentivar o indivíduo para que desenvolva características que possibilitam a relação com o outro, participação nas atividades e uma ampla visão construtiva em relação ao próprio futuro, estas características correspondem também como fatores de proteção ao indivíduo.

É possível perceber que desde o início da convivência entre Eva e Kevin, há um clima de tensão na vida familiar, que impossibilita a criação de um ambiente seguro para o desenvolvimento de afetos positivos. O cenário predominante da relação familiar compõe como um fator de risco para Kevin e a família, pelo modo como as relações são estabelecidas. Junto a isto, o pai, pouco participa de todos os aspectos da criação de Kevin, com o intuito de auxiliar Eva com seus sentimentos de ambivalência e até mesmo distanciamento emocional que apresenta em relação ao filho. Franklin, apesar de demonstrar construir uma relação afetuosa com Kevin e de ter uma boa relação com a esposa, participa mais dos momentos de brincadeira e lazer, isto pode ter contribuído no fato do pai ficar alheio sobre como estava ocorrendo o desenvolvimento de Kevin e também ao que Eva estava enfrentando. Esse ponto da ausência do pai nos cuidados e educação, deixando as mães sobrecarregadas e sem acolhimento adequado para seus sofrimentos e renúncias para se dedicar a criação do filho, tal tópico não foi plenamente contemplado por não ser o foco do artigo pode ser ampliado em outros trabalhos posteriormente.

Finalmente, seria essencial uma terapia para mãe elaborar suas questões com a maternidade, bem como conciliar com sua vida profissional para não depositar sua frustração na relação com o filho. Além disso, uma terapia em família com uma intervenção psicoeducativa pode ser uma estratégia pertinente para os cuidados como para os filhos para desenvolver estratégias mais efetivas para manejar as demandas cognitivas e emocionais, bem como possibilitar para que a família possa controlar de modo assertivo e não violento os comportamentos disfuncionais da criança.

### Referências bibliográficas

- Abranches, C. D.; Assis, S. G. (2011). A (in)visibilidade da violência psicológica na infância e adolescência no contexto familiar. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro.
- Araújo, M. F. (2002). *Violência e Abuso Sexual na Família*. Psicologia em Estudo, Maringá, Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v7n2/v7n2a02.pdf>
- Baseggio, D. B. (2012). Psicossomática na infância: uma abordagem psicodinâmica. *Revista de Psicologia da IMED*.  
<http://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/230>
- Bee, H. & Boyd, D. (2011). 11 Desenvolvimento de Relacionamentos Sociais. *A Criança em Desenvolvimento* (12a ed., pp. 307-335). Artmed.
- Bee, H. & Boyd, D. (2011). 12 Reflexão Sobre Relacionamentos: Desenvolvimento Sociocognitivo e Moral. *A Criança em Desenvolvimento* (12a ed., pp. 337-359). Artmed.
- Brasil. (2006) Lei n. 11.340. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm)
- Chauí, M. (1985). Participando do debate sobre mulher e violência. *Perspectivas antropológicas da mulher*.
- Gutierrez, D. M. D., Castro, E. H. B., & Pontes, K. D. S. (2011). Vínculo mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. *Revista do Nufen* 3(2), 3-24.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-2591201100020002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-2591201100020002&lng=pt&tlng=pt)

Harvard University. (2019) *5 steps for Brain-Building Serve and Return*, Center on the Developing Child

[https://46y5eh11fhgw3ve3ytpwxt9r-wpengine.netdna-ssl.com/wp-content/uploads/2017/06/HCDC\\_ServeReturn\\_for\\_Parents\\_Caregivers\\_2019.pdf](https://46y5eh11fhgw3ve3ytpwxt9r-wpengine.netdna-ssl.com/wp-content/uploads/2017/06/HCDC_ServeReturn_for_Parents_Caregivers_2019.pdf)

Hasselmann, M. H., Moraes, C. L., Reichenheim, M. E. (1999). Conseqüências da violência familiar na saúde da criança e do adolescente: contribuições para a elaboração de propostas de ação. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/Yjg3SbjWYFnTfSXPbRc48rm/?format=pdf&lang=pt>

Klein, M. (1996). Amor, Culpa e Reparação e Outros trabalhos (1921 – 1945). *Imago*.

Maldonado, D. P. A. & Williams, L. C. A. (2005). O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 3, 353-362.

Milbradt, V. (2008). Afetividade e gravidez indesejada, os caminhos de vínculo mãe-filho. *Revista Pensamento Biocêntrico*, 9, 111-133.

<https://www.pensamentobiocentrico.com.br/content/edicoes/revista-09-06.pdf>

Ministério da Saúde. (2009). Impacto da violência na saúde de crianças e adolescentes: prevenção de violência e promoção da cultura de paz. Disponível em:

[https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/ms/cartilha\\_impacto\\_violencia.pdf](https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/ms/cartilha_impacto_violencia.pdf)

Mozzaquatro, C., Arpini, D., & Polli, R. (2015). Relação mãe-bebê e promoção de saúde no desenvolvimento infantil. *Psicologia em revista*, 11(2), 344-351.

<https://doi.org/http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2015V21N2P333>

Organização Mundial da Saúde. (2002). Tipologia de violência.

[https://www.cevs.rs.gov.br/tipologia-da-violencia#:~:text=a\)%20Viol%C3%Aancia%](https://www.cevs.rs.gov.br/tipologia-da-violencia#:~:text=a)%20Viol%C3%Aancia%)

20F%C3%ADsica%3A%20Tamb%C3%A9m,marcas%20evidentes%20no%20seu%20corpo.

Osório, L. C. (1996). Família hoje. Porto Alegre: Artes Médicas.

Prazeres, V. L. S. (2006). Subjetividade e adoecimento: implicações para a formação em saúde. Revista Científica da FAMINAS.

<https://periodicos.faminas.edu.br/index.php/RCFaminas/article/view/174>

Rates, S. M. M., Melo, E. M., Mascarenhas, M. D. M., Malta, D. C. (2015). Violência infantil: uma análise das notificações compulsórias, Brasil 2011. Ciência & Saúde Coletiva. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015203.15242014>.

Romanelli, G. (1997). Famílias de classes populares: socialização e identidade masculina. Cadernos de Pesquisa NEP, 1-2, 25-34.